

IMAGENS DA MIGRAÇÃO NA INTERNET COMO CONEXÃO ENTRE-LUGARES

Pablo Sebastian Moreira Fernandez¹ & Eguimar Felício Chaveiro²

¹Universidade Federal do Amapá, Departamento de Geografia.
Campus Universitário Marco Zero do Equador. Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 -
Marco Zero – CEP: 68902-280 - Macapá, AP - Brasil
Telefone: (96) 33121781
Email: pablosmfernandez@gmail.com

²Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais.
Campus Samambaia - Itatiaia - 74001-970 - Goiânia, GO - Brasil
Telefone: (62) 35211184 - Ramal: 216
Email: eguimar@hotmail.com

Recebido 14 de junho de 2012, Aceito 28 de julho de 2012.

RESUMO - Este artigo busca identificar alguns sentidos sobre a migração internacional de brasileiros para os Estados Unidos da América a partir de discursos produzidos por agentes midiáticos divulgados entre os anos de 2009 e 2010. Integra uma reflexão no âmbito da Geografia e da Educação sobre as imagens produzidas por meio de fotografias, vídeos, pelos noticiários e jornais, na construção de lugares e na circulação de saberes espaciais em espaços virtuais. Estas imagens da migração se estabelecem como redes e participam de uma conexão entre-lugares, enquanto espaços e paisagens digitais a serem interpretadas pelo olhar geográfico. Elege-se, deste modo, o retrato do migrante morto como objeto de nosso olhar e tema de análise, dada a repercussão deste fenômeno social e os sentidos de imobilização e cerceamento que estas imagens sugerem.

Palavras-chave: Imagens da migração; Mídias; Conexão entre-lugares.

ABSTRACT - This article tries identifying some directions the international migration of Brazilians to the United States of America from elements of the media agents. We tried to integrate geography and education reflections about the images produced by means

of photographs, videos, news and the newspapers, on building sites and the movement of spatial knowledge in virtual spaces. The images of migration networks are established as part of a connection between-places, so that, it's possible look for this images how spaces and landscapes that can be interpreted for a geography perspective. In this way, is elected the figure of migrants killed as object of our gaze and the analysis, given the impact of this social phenomenon and the symbolic meaning of restraining and curtailing that these images suggest.

Keywords: Images to migration; Medias; Connection between-places.

IMAGENS DA MIGRAÇÃO E LUGARES DE FRONTEIRA

Hoy vuelvo a la frontera

Otra vez he de atravesar

Es el viento que me manda

Que me empuja a la frontera

Y que borra el camino

Que detrás desaparece

Lhasa de Sela, La Frontera.

Inúmeras imagens de migrantes e do fenômeno das migrações têm sido produzidas e colocadas em circulação nestas últimas décadas (especialmente na segunda metade do século XX) nos veículos de mídia, amparados por uma aura de realidade comum das imagens técnicas (como as fotografias e os vídeos), desde o formato analógico ao formato digital. Imagens que são materiais, expressões culturais, não são idôneas ou um conjunto “de símbolos com significados inequívocos” (Flusser, 2002, p. 8-9), pois são carregadas de ideologias,

mediadas e que são tomadas como um documento real (dada à veracidade das imagens técnicas) do mundo e deste fenômeno migratório. Estas se tornam espaços para representações sociais e adquirem uma temporalidade de presente. As mídias, nestas considerações, são espaços informacionais que fazem circular e disseminam imagens (discursivas), do migrante no contexto da globalização, das novas territorialidades, da transposição e do fortalecimento de fronteiras.

Estas imagens foram coletadas e agrupadas a partir de buscas em sites da internet durante os anos de 2009 e 2010, tendo como dado gerador a temática da migração internacional para os Estados Unidos da América. Tal pesquisa inicial nos conduziu ao encontro de reportagens, vídeos, telenovelas, audiovisuais produzidos por grupos envolvidos em tal processo migratório. Porém o recorte investigativo foi delimitado a partir de imagens divulgadas em veículos de informação e agentes midiáticos na internet, sendo estes os jornais brasileiros Folha de São Paulo, O Globo e Estado de São Paulo de grande circulação no país. Tal pesquisa foi ampliada por buscas em sites de ONG's, instituições policiais, políticas, de direitos humanos, de interesse público.

Atuais, estas imagens que apresentam a migração e o migrante (em movimento, estáticas, manipuladas, editadas) são entendidas como um espaço repleto de paisagens em que o geógrafo tenta reconhecer as dimensões e as práticas espaciais destes sujeitos. Nesse estudo de imagens de migrantes na Geografia, temos buscado os elementos, formas, espacialidades, referentes que compõem a imagem na tentativa de compreender os elementos “ocultos ou não-explicitos”, que estão “presentes e participam da trama” (Gomes, 2008, p. 203). Uma questão que tem nos guiado, é sobre a atuação destas imagens no processo migratório, e qual seu impacto em certos lugares e subjetividades migrantes.

Assim, qual seria o valor educativo destas imagens técnicas no trânsito pelas fronteiras com sua violência explicitada e publicizada? Teriam o poder de desestimular ou impulsionar a migração?

Ainda nesta senda, pode-se dizer que o estudo das imagens na Geografia, pede uma abordagem plural na busca por compreender o espaço a partir das ações e inscrições dos seres humanos na paisagem, as territorialidades dos sujeitos e de seus corpos. Um tipo de conhecimento que produz imagens e parte da experiência da viagem (neste caso, do migrante), ou como nos aponta Marquez (2006), para quem:

A imagem é um elemento recorrente na geografia. Ela não é exatamente a realidade do espaço, é apenas uma manifestação deste, uma representação efêmera e aberta. Sua complexidade nos obriga a tecer cruzamentos com outras áreas do conhecimento (...). As categorias geográficas de lugar, paisagem e território constituem intermediações possíveis entre a imagem e o espaço real. Mas o corpo insere-se nos lugares, esquadrinha os territórios, compara paisagens, tece a realidade vivida (Marquez, 2006, p. 12).

Imagens em trânsito que atuam como cartografias móveis, num mundo onde as migrações e o nomadismo, tornam-se uma chave “de nossa contemporaneidade”. Imagens nômades que explicitam uma conexão entre a circulação de pessoas e de mensagens, com o movimento de capitais, mercadorias e empregos. Neste contexto de nomadismo, Néstor García Canclini nos indica a emergência de situações de conflito e desencontro, mas também nos faz refletir

sobre o papel do migrante em contextos de assimilação, hibridismo e da reconfiguração dos lugares (Canclini, 2007, p. 74).

Um ponto que nos chama atenção é um consenso imagético sobre a migração, feito em planos e objetos no quadro e remetem a ideia de violência, de risco e dor, de marginalidade e incerteza. As imagens que repercutem nesta pesquisa (fotografias, e outros tipos de imagens técnicas como o vídeo e a televisão) predominantemente são compostas em sua realidade por lugares de fronteira combinados com contextos políticos, sociais, culturais, ambientais e acontecimentos que ali se desenrolam. Como a violência, as drogas, o tráfico de pessoas, a travessia ilegal, as novas tecnologias e dispositivos de controle, a mundialização destas informações.

Dentre estas imagens e consensos que transitam em redes virtuais, é marcada a apresentação de sujeitos em lugares fronteiriços em condição precária, de instabilidade e de trânsito ilegal. Sobre as imagens de lugares e de migrantes recorrentes na mídia, tem sido constante um grupo que versa sobre a migração internacional a partir da fronteira México–E.U.A., indicando cenas diversas que apresentam o desejo de transposição (imaginada, sonhada) e o cerceamento diante das novas materialidades das fronteiras: tecnológicas¹, físicas compostas de muros, cercas e arames, a militarização, a violência dos conflitos entre cartéis

¹Pode-se citar o “Virtual Border Watch - Blue Servo”, um tipo de rede social criada pela Coalização de Xerifes da Fronteira do Texas (*The Texas Border Sheriff's Coalition*) como um exemplo da tecnologização e normatização de sujeitos no controle da fronteira a partir da ideia de muro virtual. Neste site é possível que um civil, situado em qualquer lugar do mundo (desde que conectado) pratique a vigilância de alguns trechos da fronteira em tempo real a partir de câmeras e sensores postados em lugares considerados “estratégicos” (trechos de travessia, de assassinatos ou de tráfico de drogas conforme os criadores do site), como desertos, trechos do Rio Grande, os muros, etc (2011).

e detentores do tráfico de drogas.

Este texto se desenrola a partir da busca por compreender o papel das redes sociais e dos meios de comunicação na internet como agentes difusores de imagens (e discursos) da migração internacional. Inicia-se num diálogo com Fotografias que apresentam a migração e algumas experiências migrantes como tema, que se aproximam de imagens da televisão, dos jornais e de mídias da internet. Estas permitirão assim uma conexão entre-lugares, seja entre as cidades de Tijuana - San Diego, o México - EUA, ou uma cidade no interior do Brasil – com um acontecimento dado neste mesmo lugar de fronteira.

IMAGENS DE UM LUGAR DE FRONTEIRA

Iniciamos estas linhas com uma fotografia difundida no site da UNFPA (*United Nations Population Fund* – órgão da ONU, que lida com questões migratórias). Nela nota-se uma menina de olhos fechados, com o braço esquerdo erguido, em primeiro plano empunha um guarda-chuva, cabeça baixa; no segundo plano, à esquerda, um trecho do muro que separa o México dos Estados Unidos, na cidade de Tijuana. A legenda confirmará o contexto: “Criança caminha ao longo do muro, conhecido localmente como ‘a cicatriz’, no caminho de casa para a escola” (UNFPA, 2006). O muro feito de chapas de aço apresenta pendurado um conjunto de cruces a indicar os milhares de migrantes mortos na travessia da fronteira situada numa região inóspita de desertos.

Sobre os possíveis significados adquiridos por este muro que antes era uma cerca de arame, Néstor Canclini, pergunta-se sobre qual a representação teria este “grande monumento”. Conclui que ao mesmo tempo, apresenta: “o



Imagem1: Em Tijuana, México, um memorial pendurado no muro USA-México homenageia os mais de 3.000 migrantes que morreram ao tentar atravessar a fronteira pelo deserto. Fonte e legenda: UNFPA, State of World Population Report 2006. Autor: Larry Towell.

cruzamento (da fronteira) massivo ou a intenção de cruzar, não só a divisão geográfica ou política” (Canclini, 2011, p. 8). O que se pode concluir numa primeira mirada é que o lugar fotografado é apresentado enquanto uma fronteira. O muro separa, atua como limite imposto ao olhar de quem interpreta esta fotografia, materializando a impossibilidade de se avistar o que está por detrás, um lugar norte-americano que é ocultado e que poderá ser revelado pela imaginação.

As cruces seriam indicadores do insucesso de pessoas que morreram ao tentar atravessar, ou, estas cruces seriam indicadores de que estamos em um espaço sagrado? A legenda resolverá tal impasse, ao anunciar o contexto em que a fotografia insere o leitor. Estamos na cidade de Tijuana diante de um “memorial” que diz dos perigos e dos riscos da travessia migrante. Ainda no segundo plano, à direita, nota-se uma estrada asfaltada em que os carros transitam no sentido oposto. Numa leitura atenta, reconhece-se que uma das cruces apresenta um nome: *Ruben Salcido Meza, 60 años, Jalisco*. Outra cruz

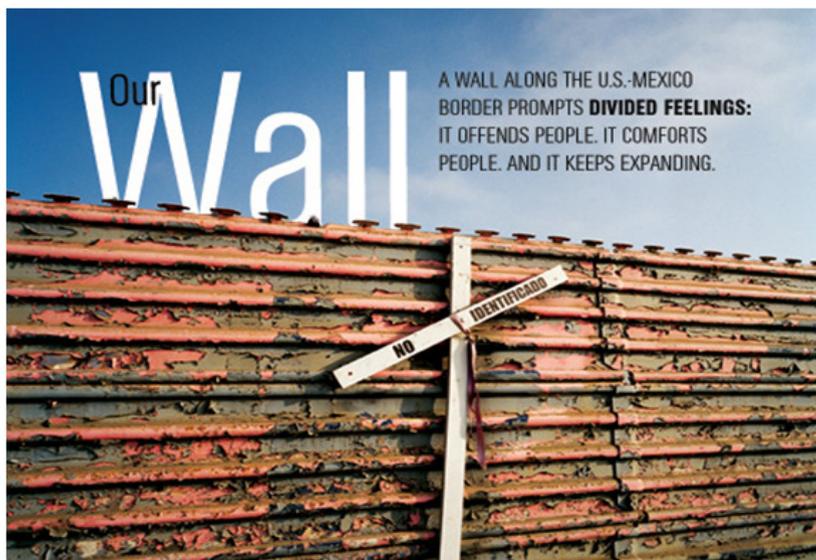


Imagem2: “Nosso Muro. O muro ao longo da fronteira E.U.A. – México causa sentimentos divididos: ele divide pessoas. Ele conforta pessoas. E continua em expansão”. National Geographic Magazine. Charles Bowden, 2007.

apresenta a seguinte inscrição: *No identificado*. Ambos os mortos não se apresentam aqui enquanto presença, apenas como rastro, vulto, sendo que se presentificam numa inscrição (a cruz), na memória visual daqueles que tentaram sem sucesso a travessia.

A imagem deste “mesmo muro” com uma cruz dependurada reaparece, agora apresentado nas páginas da versão norte-americana da revista National Geographic, numa reportagem escrita por Charles Bowden no ano de 2007. Junto de uma legenda que apresenta tal barreira como divisora de mundos, de culturas que antes eram próximas, e que também gera um tipo de vergonha, ela divide opiniões. Tal objeto é apresentado como algo recorrente na história, pois as fronteiras sempre foram lugares de violência daí o uso de cercas que

eventualmente se transformam em muros.

O que nos é objeto de leitura não é a reportagem que também indica o muro como divisor de sonhos, de amores, mas a forma como o muro é fotografado e apresentado. As fotografias que prosseguem na reportagem possuem o mesmo aspecto da primeira: um trecho do muro que adquire um sentido quase monumental, solitário e que descarta a presença física humana (um único rastro será visto por de trás de uma cerca). Seja em nuances de luzes (um pôr-do-sol, um céu azul noturno com refletores cruzados), de detalhes naturais (uma montanha ao fundo) ou na localização centralizada na paisagem retratada (um deserto, um trecho de praia, uma favela). Estes muros fotografados primam pela qualidade das cores, dos detalhes (ranhuras, tinta desgastada, poeira), dos enquadramentos, da composição, como se fossem cenografias, não deixando margem para imprevistos, rastros, é a proposição de um lugar ordenado, estático.

De um lado, os discursos dos órgãos internacionais que propõem um “mundo sem fronteiras”, em que o trabalho e o consumo são associados à cidadania; de outro, imagens a dizer da migração, associadas à violência e à morte. Imagens alternativas tornam-se aquelas que mostram o sucesso da travessia. Sobre o poder da imagem enquanto produto discursivo e carregado de ideologias nos remetemos a Susan Sontag enquanto agente normativo, considerando que “não só existem temas adequados para a câmera, os temas positivos, inspiradores e ordeiros, como também há maneiras adequadas [...], derivadas de ideias a respeito da ordem moral do espaço” (Sontag, 2004, p. 186), que acabam por substituir a visão da realidade.

IMAGENS SOBRE O MIGRANTE NA MÍDIA

Considerando a migração de brasileiros para os Estados Unidos, o geógrafo Héllion Póvoa Neto (2006, p. 2) dirá que neste conjunto de imagens televisivas sobre a migração, o que predomina são “referências a problemas de ilegalidade e clandestinidade na travessia da fronteira sul do país ou na permanência ilegal de brasileiros com visto de turista”, além do envolvimento de brasileiros “com tráfico de pessoas e exploração sexual, o crescente número de migrantes brasileiros presos”².

Conforme Póvoa Neto, ao utilizar notícias sobre a migração e o migrante na mídia, constata que o Brasil, nestes últimos dez anos, veio a se consolidar entre as dez comunidades de migrantes mais presentes na travessia ilegal e em casos de deportação dos Estados Unidos da América. Um segundo ponto que nos toca no caso dos brasileiros são as redes migrantes que se estabelecem entre os lugares de origem – de trânsito – e de chegada, e se tornam visíveis em imagens produzidas pela mídia. Mesmo com o intenso fluxo de retorno de migrantes brasileiros para os seus lugares de origem, algumas redes migrantes ganham ampla visibilidade midiática, como aquelas originadas dos estados de Goiás, Santa Catarina e Minas Gerais. Tais redes tornam-se visíveis a partir do momento em que viabilizam a migração de modo ilegal e clandestina através da fronteira mexicana, expondo dramas e situações de tensões vividas pelos sujeitos que migram (Jornal Opção, 2004; Póvoa Neto, 2006).

²Póvoa Neto (2006) constrói a interpretação de imagens coletadas e apresentadas em programas jornalísticos a partir do tema migrantes brasileiros nos EUA, analisando discursos e buscando reconhecer contradições e estereótipos na representação do migrante brasileiro apresentados entre os anos de 2004 e 2005

Outro momento de grande veiculação de notícias relacionadas à temática da migração internacional de um modo negativo e à menção de migrantes ilegais nos Estados Unidos expandiu e ganhou repercussão após o período dos atentados terroristas proferidos pela organização Al-Qaeda em 11 de Setembro de 2001. A criminalização da migração em alguns estados norte-americanos, a proliferação de leis e diretivas, prisões e campos de detenção, o aumento de deportações, xenofobia, violência contra o migrante, ganharam neste momento grande divulgação nos noticiários. Por conta deste ocorrido os migrantes passaram a ser associados a este episódio, situados agora no foco de um medo coletivo, motivador de discursos da contenção e da tentativa de restaurar a segurança interna. Situação descrita por Jesús Martín-Barbero:

[...] muitas nações padecem, desde a terça-feira negra de 11 de Setembro da mais arcaica peste de medo que fundamenta a segurança, convertendo todas as fronteiras e as vias de comunicação – terrestres e aéreas, físicas e virtuais – em lugares de legitimação da desconfiança como método e a violação dos direitos, a privacidade e a liberdade civil como comportamento oficial das “autoridades”, com o conseqüente fortalecimento do preconceito racial, os “apartheid” étnicos e os fanatismos religiosos (Martín-Barbero, 2002, p. 3).

A partir deste quadro, é possível questionar certas estratégias de contenção do migrante, num contexto da dificuldade de uma inserção legal no lugar de chegada e uma política de maior rigor na concessão de vistos. Pois, diante de um conjunto de restrições à entrada de sujeitos com perfil potencial de migrante

e ao trabalho indocumentado, tem-se acompanhado o crescimento de tentativas de entrada via fronteira do México³, de modo ilegal e geralmente com auxílio de contrabandistas, os chamados *coyotes*. Uma contradição que se apresenta, por um lado, como discursos que buscam desestimular o processo migratório; por outro, como um conjunto que indica possibilidades à migração.

Antes do atentado citado, o tema já recebera destaque na emissora de televisão brasileira Rede Globo, com a veiculação da telenovela “América”⁴, utilizando a migração internacional como enredo em um de seus contextos dramáticos. A personagem principal ao sair de sua cidade, no interior do Brasil e tentar transpor a fronteira mexicana (esta conexão é feita sem continuidade, em cortes rápidos), apresenta ao público a arriscada travessia pelo Norte do México, com o sol do deserto, o Rio Grande, a violência e animais peçonhentos, além do risco de ser presa pela Polícia de Fronteira (*Border Patrol*). Na transposição (ou conexão) destes dois mundos, a fronteira do México é personificada como lugar de passagem almejado por brasileiros a caminho da desejada América. Ao mesmo

³ A reportagem “Brasileiros Ilegais nos EUA batem recorde” de Rafael Carrielo para a Folha (2004) utiliza dados da Polícia de Fronteira norte-americana e indica o aumento de brasileiros que entram no país de modo ilegal, como alternativa às medidas de restrição ao migrante. Quanto ao perfil de um potencial migrante, ver o artigo de José de Souza Martins, veiculado na Folha de São Paulo, “Você é bom, mal ou feio?” (dia 05 de fevereiro, 2011), que se refere aos arquivos diplomáticos norte-americanos postos na rede *Wikileaks* forjando um estereótipo migrante.

⁴ A telenovela brasileira “América” produzida pela Rede Globo foi exibida durante o ano de 2005, e apresentava como trama as aventuras e desencontros de uma jovem migrante ilegal chamada Sol. Que, para chegar ao lugar sonhado (Miami) atravessa a fronteira mexicana, envolve-se com mafiosos, com a polícia de migração e com outros migrantes. Estes cenários da novela percorridos pela personagem são construídos a partir de lugares reais, como a fronteira americana ou a cidade norte-americana de Miami, em oposição a Boiadeiros, lugar que na tela se apresentava como uma cidade cenográfica.

tempo em que é possibilidade de trânsito é um lugar perigoso, dado o percurso por um território militarizado e ao mesmo tempo sem lei, marcadamente desumano.

Devemos chamar a atenção para a fronteira midiaticizada, construída em enquadramentos que são compostos por elementos e paisagens coladas na realidade do lugar fronteiriço (o deserto, policiais norte-americanos, coyotes mexicanos), dando às cenas um caráter realístico, que levaria o telespectador a confiar na sua veracidade. Tal leitura dos lugares televisionados e construídos a serviço de uma educação visual e espacial massificada vem de encontro com as reflexões propostas por Wenceslao Machado Oliveira Junior. Tal autor considera que as redes de informação hegemônicas se valem de imagens e sons (características da linguagem audiovisual) organizados sob uma lógica mercadológica, que cria ao telespectador um tipo de vivência distante da experiência, a partir de um “amontoado de lugares”, seja: “pela *presença concreta*, via turismo, seja pela *imagem concreta*, via informação, principalmente jornalística” (Oliveira Junior, p.2, 2008).

Sobre este amontoado (ou sobreposição) de lugares, outra situação que nos chama a atenção é a ligação imagética entre o lugar de origem – e o de chegada por meio de transições contínuas e cortes rápidos. Da Miami luminosa à cidade de Boiadeiros no Brasil (percurso realizado em segundos) com sua paisagem rural urbanizada, composta a partir dos estereótipos da música sertaneja, dos sotaques e rudeza das pessoas, de relações conservadoras e paternalistas. A viagem realizada por estes personagens e pelo telespectador é acelerada, e que cria uma livre circulação entre estes dois lugares e contextos, de modo desconexo

entre espaços e tempos, enquanto os trajetos dos migrantes tornam-se velados.

No decorrer de alguns capítulos da telenovela e já estabelecida como trabalhadora ilegal a personagem irá vivenciar outros tipos de situação de controle e normatização. Na cidade americana composta a partir da cidade real, com suas luzes, prédios, carros e símbolos de riquezas, ela enfrentará a polícia de migração, a delação, a precariedade das condições de trabalho. Todo sofrimento é válido conclui a personagem: estou “na terra da realização dos meus sonhos”. Ideia com grande poder de mobilização simbólica deste fenômeno globalizado. Póvoa Neto reconhece que o período no qual a telenovela “América” esteve no ar foi marcante uma ênfase incomum do noticiário sobre o tema, tendo gerado polêmicas quanto ao seu poder de mobilização, questionando “se a telenovela apenas retrataria o fenômeno migratório ou, mais que isso, chegaria até mesmo a estimulá-lo” (Póvoa Neto, 2006, p. 31).

Diante da abrangência adquirida pelas telenovelas e outros produtos culturais de entretenimento e por sua carga realística, o que se vê é um distanciamento dos sujeitos com os lugares próximos, ao mesmo tempo em que algumas trajetórias (individuais e coletivas) e lugares ganham visibilidade e expressão. Feitas de imagens “verdadeiras”, as mídias exercem um papel ambíguo, pois criam um entendimento de participação enquanto relacionamento com a “democracia audiovisual, no qual o real é produzido por imagens geradas na mídia” (Canclini, 2010, p. 263).

Por outro lado, algumas narrativas antes invisíveis, passam a ser inscritas nos meios midiáticos (na forma de produtos audiovisuais), apresentando tipos de experiências que antes eram narradas oralmente, e que agora se multiplicam e

se reinventam em novas estruturas e práticas sociais. Numa reinvenção da tradição falada, a narração agora é feita de imagens em movimento, sons, falas, recortes e enquadramentos da paisagem.

Esta forma de apresentar a experiência individual e coletiva da migração de forma novelística nos mobiliza a refletir e discutir o fenômeno migratório na era da globalização e das mídias, sendo que a:

Globalização (e cada interdependência entre as nações) se dá através de movimentos socioeconômicos “objetivos” e por meio de narrações e metáforas carregadas com representações de sujeitos, individuais e coletivos, que mostram a densidade dramática do cotidiano presente nos processos macrossociais (Canclini, 2011, p. 3).

Ao eleger as mídias jornalísticas como superfície que circula informações, em busca por reconhecer a construção de estereótipos do migrante a que venham representar a migração, torna-se referência o estudo de Gláucia Assis (2008), sobre a migração e as imagens da mídia, partindo da “trajetória de vida e morte dramática” do migrante mineiro Jean Charles de Menezes. Morto pela polícia britânica ao ser confundido com um terrorista árabe no ano de 2005. Segundo a autora, as imagens veiculadas nas imprensas britânica, brasileira e na de sua comunidade, permitiram compreender os contextos de preconceito, ilegalidade e discriminação nas sociedades de acolhimento a partir de um drama individual. Desta proliferação de imagens, detecta ainda a simultaneamente ao ocorrido, a reverberação de um conjunto em jornais, blogs e redes sociais de falas racistas e xenófobas, discriminatórias, através do discurso de uma “Guerra ao terror”,

como um artigo que apresentava o título: “De meliante a mártir em oito tiros” (Assis, 2008).

As imagens e seus discursos ambíguos produzidos neste contexto das mídias digitais são contraditórias, pois são carregadas de ideais realísticos, ao mesmo tempo em que instrumentalizam a criação de ficções, mitos, a globalização enquanto imagem falseada do “mundo sem fronteiras”. Importante nesta busca por imagens da mídia é reconhecer em algumas situações as ênfases e os silêncios sobre o migrante. O noticiário, os jornais e a novela não devem ser tomados como indicadores do aumento ou mudança qualitativa dos processos migratórios, mas enquanto possibilidade de dar à migração alguma visibilidade. A migração internacional pode ser apresentada tanto como um evento excepcional, ou, a partir de interesses contraditórios e mercadológicos, como uma situação corriqueira e comum, o que aumenta a ambiguidade de tal ato.

O RETRATO DO MORTO COMO CONEXÃO AMBÍGUA ENTRE- LUGARES

*O Itamaraty identificou neste sábado, duas vítimas
brasileiras na chacina de 72 imigrantes latino-americanos
no Estado de Tamaulipas, nordeste do México.*

Jornal O Globo, 28 de agosto de 2010.

O tema do migrante em situação de risco, violentado na travessia pela fronteira mexicana, voltou a repercutir em notícias e mídias digitais brasileiros durante os anos de 2009 e 2010, junto da repercussão de ações e atos violentos ocorridos em algumas cidades mexicanas de fronteira, como Tijuana, Juárez, entre outras.

Tais imagens que exploram a violência circularam junto de uma intensa reprodução e repercussão na mídia, como no caso do assassinato de 72 migrantes (de diversas origens), realizado por um grupo de paramilitares ligados ao narcotráfico, na região fronteiriça de *Tamaulipas*, entre o México e os Estados Unidos.

Dentre estes migrantes brutalmente assassinados, dois jovens mineiros de aproximadamente 20 anos. Neste contexto, ficou marcada a repetição de um conjunto de discursos e falas jornalísticas “dramáticas” que circularam nos jornais, blogs e sites ligados à temática migratória. Ilustrando tal ocorrido, uma fotografia encontrada no periódico “O Globo” traz um grupo de pessoas mortas, caídas no chão, vendadas e de mãos amarradas diante de uma parede, como numa execução.

Em seguida, após explicações sobre a “Guerra das Drogas” no México aparecem duas fotografias, os retratos em 3x4 de Juillard Aires e Hermínio



Imagem 3: Corpos de vítimas da chacina de Tamaulipas, onde os dois brasileiros foram assassinados. Fotografia e legenda publicadas em O Globo, 28 de agosto de 2010. Crédito da fotografia: Reuters.

Cardoso apresentados pelas mãos e feição de dor dos pais. Algumas falas convergem e apresentam a biografia destes jovens que sonhavam “fazer a América”, motivados pela falta de trabalho e dinheiro. Compartilhavam desejos oriundos do “sonho de juntar dinheiro e comprar uma casa no Brasil”. Quanto ao papel da mídia sobre a conexão de informações, a prima de um dos mortos indica que “ele sabia que era perigoso, nós dissemos, víamos na TV” (O Globo, 2010, Caderno Mundo).

A exploração do drama de dois sujeitos migrantes pelo sensacionalismo escamoteia o problema dando visibilidade para outras questões que não dizem somente deste fenômeno, como o conflito entre narcotraficantes e o empenho dos governos do México e dos EUA em seu combate, os índices de crimes e violência ligados à presença do migrante, criando uma confusão, ou melhor, dando-se a naturalização da migração ilegal como caminho para a morte. Numa repetição de falas (dos pais, da família) o que ganha destaque é a crueldade com que foram mortos.



Imagem 4: Fotografias dos pais de Juilard e Hermínio, que circularam por diversos veículos jornalísticos na Internet. Fonte: O Globo, 28 de agosto de 2010.

Ainda neste caminho, uma reportagem sobre os goianos que vão para os Estados Unidos, chama a atenção: a matéria “Sonho e morte no deserto. Mesmo após a morte de três pessoas nas areias americanas, goianos continuam arriscando a vida para fazer fortuna nos Estados Unidos” traz como preocupação a intensificação e o aumento do número de migrantes ilegais deste grupo no dado país. Apresentam com preocupação a ampliação de uma rede de migração ilegal e buscam indicar as principais motivações.

A fotografia do migrante morto nas mãos dos pais se repetirá numa reportagem da revista *Veja*, datada do dia 28 de julho de 2004, caderno *Sociedade*, em que já anunciava a migração como problema, apresentando uma diversidade de discursos conflituosos: de um lado, o migrante bem sucedido, do outro, a imagem do morto. Aqui o embaralhamento se dá na dualidade de discursos apresentados por determinadas imagens da migração, que vão se contradizendo, como os dólares, remessas; aquisição de automóveis, casa etc.; casamento, estudo, trabalho regulamentado, legalidade. E o oposto contendo os riscos, medos, perigos; deportação; subemprego; violência, traumas da viagem; morte, perdas e ilegalidade, como situações predominantes.

Quais são os sentimentos e sentidos emergentes ao estar diante da dor dos outros? Os de fuga, solidariedade, indiferença, medo? Questões que amparam a busca da filósofa Susan Sontag (2003), a partir da leitura das fotografias de guerras ou das imagens televisivas veiculadas “quase em tempo real”, dos atentados terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001. Esta apresentação realista dos dramas humanos em tempo real pela mídia: os prédios do *World Trade Center* explodindo, pessoas mortas, desespero da população, podem inicialmente chocar, porém com o passar do tempo (ou com a chegada de novas



Imagem 5: A mãe segura o retrato do migrante goiano Welton que morreu na travessia do deserto: “O sonho dele era ter o próprio negócio” (Legenda original). Fonte: Veja Online, Edição 1864, 28 de julho de 2004.

imagens) tornam-se indiferentes. A autora nos diz que as “fotos das vítimas de guerra são elas mesmas, uma modalidade de retórica. Elas reiteram. Simplificam. Agitam. Criam a ilusão de consenso” (Sontag, 2003, p. 11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nome inscrito numa cruz, um muro, o retrato em “3 por 4” visto do lugar distante, a notícia e suas manchetes sensacionalistas, o corpo violentado, são os elementos que dão sentido a estas imagens sobre a migração, e suas aparições indicam a criação e a conexão entre-lugares. As imagens neste estudo que tem se situado no âmbito da Geografia e que se conecta com outros saberes, tem revelado narrativas sobre os espaços e as experiências espaciais de migrantes em lugares fronteiriços. Sendo o espaço revelado aos olhos do pesquisador como um vestígio, ou rastro destas experiências de trânsito, de mobilidade ou de cerceamento ou morte.

As imagens podem ser os discursos produzidos e agenciados pelos meios de comunicação e informação, e também compostas pelas trajetórias destes sujeitos e corpos migrantes. Sendo que toda imagem é um discurso, estas imagens serão sempre pontos de vista, são recortes do mundo carregados com as intenções de quem as produz ou as veicula.

A imagem dos lugares torna-se ponto de contato com outras áreas de saber como a Fotografia, a Antropologia e as Ciências Sociais, as Artes. Neste caso não tem a aura de realidade apresentada pela imagem técnica (do vídeo, do cinema, que já carrega em si uma gama de intencionalidade posto pela câmera), sendo um recorte, um enquadramento da totalidade do espaço, e ainda motivo de reflexão conceitual. Os conceitos da Geografia tornam-se a mediação com o espaço apresentado na imagem, estes lugares irão dizer das experiências dos sujeitos enquanto presença ou rastro na imagem, pelos leitores e produtores de imagens.

É uma Geografia composta de corpos, de fluxos, de sublevações e dissimulações que se dão no espaço geográfico e se apresentam na imagem que agora é composta de práticas espaciais. O retrato fotográfico destes sujeitos tornam-se lugares que se conectam a uma rede de lugares migrantes. O lugar de origem, do trânsito, da chegada, ambos entrecruzados numa rede de presenças e ausências.

Aqui o retrato do migrante é reproduzido no mesmo enquadramento ideológico, normatizado, em que os corpos imagéticos carregam referências da ação migratória real, indica o espaço e suas expressões (paisagens, territórios,...). Tais elementos espaciais se tornam imagem materializada na tela, agitada pela

mobilidade, do mesmo trajeto violento (só que por caminhos diferentes) que estes sujeitos traçam ao transpor fronteiras. O lugar de fronteira se apresenta novamente amparado no espaço real, porém os sujeitos e sua mobilidade tornam-se invisíveis na paisagem. Corpos, trajetória, a violência e suas territorialidades desaparecem em alguns discursos hegemônicos, tornam-se veladas, dissimuladas a partir da ausência como que editadas.

A fotografia do morto nestas considerações não mais nos toca, naturaliza, pois participa de uma despersonalização de nossas relações com o mundo, com o outro. A câmera torna-se um espaço de produção de ambiguidades, tornando os lugares e sua proximidade e intimidade em coisas exóticas; e as paisagens familiares em horizontes estranhos e muito distantes. Estas imagens fotográficas da migração irão participar na formação de um hábito, oferecendo tanto a participação quanto a confirmação de uma alienação.

A imagem do morto se apresenta de forma contraditória, com prazo de validade dada a sua rápida substituição; a conexão entre-lugares é novamente ambígua, pois é feita na fragmentação, na desconexão da vida. Podendo ser ao mesmo tempo o substrato do entretenimento da massa e não mais uma crítica à violência; ou entendidas como partes de estratégias para desestimular ou marginalizar a migração. O que se vê é a naturalização deste fenômeno e a indiferença.

Um fato marcante e de relevância é que estas imagens em pouco se diferem dos filmes do cinema de massa norte-americano, dos telejornais, cuja violência e a morte fazem parte do jogo. Desta forma, o que poderia ser um choque ou mal-estar torna-se familiar aos olhos do telespectador anestesiado. Assim, a morte e a migração só terão sentido no estranhamento e na inquietação de

sujeitos próximos (a família, a comunidade) do morto, criando uma conexão entre os lugares a partir da dor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, G. O. (2008). De Gonzaga para Londres: Etnicidade e Preconceito na História de Jean Charles de Menezes. In: IX Encontro Nacional de História Oral, 2005, Unisinos, *Anais*, Online. ISBN 978-85-7843-007-8.
- BOWDEN, C. (2007). Our Wall. *National Geographic Magazine*. In: <http://ngm.nationalgeographic.com/2007/05/us-mexican-border/cook-jenshel-photography>, May 2007, p. 116 – 139.
- CANCLINI, N. G. (2007). *A Globalização Imaginada*. Tradução de Sérgio Molina, 1ª reimp. São Paulo: Iluminuras, 223 p.
- CANCLINI, N. G. (2010). *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. 3ª reimp. Buenos Aires: Paidós (Estado y sociedad, 87), 349 p.
- CANCLINI, N. G. (2003). *Malentendidos interculturales en la frontera México-Estados Unidos*. In: <http://nestorgarciacanclini.net/hibridacion-e-interculturalidad/70-fragmento-qmalentendidos-interculturales-en-la-frontera-mexico-estados-unidosq>, consultado em Janeiro de 2011.
- CARIELLO, R. (2004) Brasileiros ilegais nos EUA batem recorde. *Mundo*, A8, 04/07/2004, In: www.folha.uol.com.br
- JORNAL OPÇÃO. (2004). Imigração Ilegal nos EUA. Reportagens, ano XXVIII, n. 1492, Goiânia, 14 de fevereiro de 2004. In: <http://www.jornalopcao2.com.br/>, consultado em Janeiro de 2011.
- LHASA DE SELA. *La Frontera*. In: www.lhasadesela.com.
- MARQUEZ, R.M. (2006). Arte e Geografia: olhar através das frestas. In: MEDEIROS, B. F. e COSTA, M. H. B. V. (Org.). *Imagens Marginais*. Natal, RN: EdUFRN, p. 11-22.

- MARTÍN-BARBERO, J. (2002) La globalización en clave cultural: una mirada latinoamericana. In: Colloque international: Globalisme et Pluralisme, 2002, Montreal: GRICIS, *Anais*.
- MARTINS, J. S. (2011). *Você é bom, mal ou feio?* In: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,voce-e-bom-mau-ou-feio,675705,0.htm>
- O GLOBO. (2010). *Itamaraty divulga nomes de dois brasileiros vítimas de chacina no México*. Mundo, 28/08/10, In: <http://oglobo.globo.com/mundo/itamaraty-divulga-nomes-de-dois-brasileiros-vitimas-de-chacina-no-mexico-2959395>
- OLIVEIRA JUNIOR. W. M. (2008). Realidades Ficcionaladas: imagens e palavras de um telejornal brasileiro. In: ANPED. *Anais*, On-line. <http://168.96.200.17/ar/libros/anped/1630T.PDF>
- PÓVOA NETO, H. (2006) A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. *Estudos Avançados*, 20 (57), p. 25-39.
- PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2009) Ultrapassar barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humanos. Portugal: Almedina, 217 p.
- SONTAG, S. (2003). *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 112 p.
- SONTAG, S. (2004). *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras. 223 p.
- TEXAS BORDER SHERIFF'S COALITION. (2011). *Texas Virtual Border Watch Program - Blue Servo*. In: <http://www.blueservo.net/>
- UNFPA – United Nations Population Fund (2006). State of World Population Report 2006. In: <http://www.unfpa.org>, Consultado em Janeiro de 2011.
- VEJA ONLINE. (2004). Sonho e morte no deserto. Mesmo após a morte de três pessoas nas areias americanas, goianos continuam arriscando a vida para fazer fortuna nos Estados Unidos. Sociedade, Edição: 1864. 2004. www.vejaonline.com.br. Consultado em 28 de julho de 2009.